

ERNANI REICHMANN E A “TENSÃO ENCARNADA NA EXISTÊNCIA”: UM PROJETO DE SALVAÇÃO

Gilvani Alves de Araujo¹

*“...É assim que devo ser estudado mais tarde, como um mundo,
um mundo como não houve outro igual...”*

*“Lê tudo o que escrevi como uma necessidade de teu próprio
caminho, mas apenas isso, nada mais que isso...”*

Artigo recebido em: 30/09/2017.

Artigo aceito em: 04/12/2017.

RESUMO:

A solidão e a saudade são sentimentos fortes que diluem até as categorias mais bem consolidadas. Nem a materialidade das ideias é suficiente para garantir que as distâncias ou as temporalidades permaneçam intactas. São momentos decisivos, como a vida longe da esposa e das filhas, que conduzem Ernani Reichmann a um estado de reflexão profundamente existencial. Decreta a falência dos conceitos que marcam seu momento histórico e a própria imagem saturada no conceito de “homem”, o único conceito que suporta é o de “salvação”. Assim, sobre estes pressupostos, nos aproximamos da análise que Michel Foucault favorece, para pensar o ato confessional. Nossas fontes são missivas dos anos de 1971 e 1972, pois testemunham de fortes convicções sobre o sujeito que as escreve.

PALAVRAS-CHAVE:

Categorias – Missiva – Etopoiética – Projeto de Salvação – Ernani Reichmann

¹ Doutorando em História pelo PPGHIS-UFPR, bolsista CAPES e membro do grupo de trabalho Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimentos na História. E-mail: gilvani.his@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8596482885350735>.

ABSTRACT:

Loneliness and longing are strong feelings that dilute even the most well-established categories. Nor is the materiality of ideas sufficient to ensure that distances or temporalities remain intact. These are decisive moments, such as life away from the wife and daughters, which lead Ernani Reichmann to a state of deeply existential reflection. He decrees the bankruptcy of the concepts that mark his historical moment and the very saturated image in the concept of "man", the only concept that supports is the "salvation". Thus, on these assumptions, we approach the analysis that Michel Foucault favors, to think about the confessional act. Our sources are letters from 1971 to 1972, because they testify the strong convictions of the person who writes them.

KEYWORDS:

Categories – Letters – Etopoietic – Salvation Project – Ernani Reichmann

* * *

Ernani Corrêa Reichmann² entrou em meu percurso de trabalho por meio de uma de suas traduções do pensador dinamarquês Søren Kierkegaard³ (cf. KIERKEGAARD, 1978). Na época, apesar de considerar a *obra* desafiadora, não fui além do prazer da leitura. Tinha outras preocupações e a minha pesquisa um teor mais epistemológico – para não dizer totalmente lógico. Mas, paradoxalmente, aquela

² Nasceu em Passo Fundo em 1920, estudou direito em Curitiba e bacharelou-se em 1945. Foi deputado no Rio Grande do Sul, mas retorna e fixa residência novamente em Curitiba em 1951 e de 1953 até 1981 atuou como professor do departamento de Ciências Econômicas da UFPR. Atuou como secretário de Governo de Bento Munhoz da Rocha Netto e Ney Braga, além de ter feito importantes contribuições à Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná. Apesar de ser um homem público, sua maior contribuição foi a cultura brasileira pela sua vasta produção autobiográfica e as suas traduções do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, escritos que tomados em sua totalidade avultam cerca de 90 obras – ainda não podemos afirmar com exatidão o número, pois muitas delas foram feitas em pequenas tiragens e outras apenas mencionadas no corpo dos textos ou nos *escritos completos*.

³ Ernani Reichmann, e a esposa Annie Tempel, passam o ano de 1959 em Copenhague, na Dinamarca, ao encontro de Kierkegaard. Isso quer dizer que Reichmann peregrinou pelos caminhos e casas em que habitou o pensador dinamarquês em busca de vestígios e compreender toda a dimensão espiritual daquele lugar, bem como sua importância para filosofia de Søren. É interessante notar que, Ernani aprendeu o difícil dinamarquês para nos anos seguintes traduzir Kierkegaard direto de seu idioma, o fruto de seu trabalho foi a monumental seleção de textos, que sofreu duas edições uma em 1972 e outra em 1978.

memória arquivada, bem recentemente trouxe à tona o nome do tradutor e a curiosidade de conhecê-lo e, quem sabe até, aprender um pouco mais sobre aquele pensador, cujo interesse era mútuo entre mim e Reichmann.

Aos poucos descobri que o interesse era apenas uma das proximidades entre ele e eu. Apesar de já ser falecido⁴, Reichmann residiu durante muito tempo em Curitiba – na verdade, a maior parte de sua vida. Meu empenho, a partir daí, foi em canalizar ao máximo o tempo que tinha para conhecer o tão aclamado pensador “curitibano” – pelo menos, em alguns círculos que o tomam como pioneiro, desbravador ou descobridor – e, a importância de suas interpretações filosóficas. Isso significou deixar de lado Kierkegaard, mas não totalmente.

A surpresa e a paixão tomaram conta de mim e, entreguei-me ao estudo de algumas referências que tinha à época, em grande parte sugeridas pelo atual tradutor de Kierkegaard, o professor Álvaro Valls. Logo percebi que a sua importância literária era tão grande quanto a filosófica. Sua riqueza interpretativa não era definida apenas por sua predileção filosófica, mas de outro modo alargada pela profundidade literária e poética com que tecia seus estudos. Chegando a se considerar, para longe das rotulações, um pensador da “terra de ninguém”⁵; cujo impulso demonstra a *fidelidade a si*, a boa luta que o combatente enfrenta contra o espírito de sua época e o peso da vontade de seus semelhantes. Diante de tudo e todos, escolheu a si, abrigar-se em uma terra sem dono e sem jamais reivindicar sua posse para si. Buscou a solidão, ao entregar-se às *escritas de si*; despontando em sua personalidade uma *hybris*, que não cansou de explicá-la como fruto da disciplina que seu casamento com Annie Tempel possibilitou. Daí multiplicar-se em *heterônimos* e em *escritos completos*, cuja única certeza é a de que a sua *Experiência* “aguarda a sua vez”.

Toda a sua trajetória tem se revelado, aos poucos, como que a me conduzir por qual caminho devo seguir para continuar a contemplá-lo. E tem me convencido do valor de sua *Experiência*, pois dá testemunho incansável e da convivência com seus semelhantes. E, coloca um desafio cujo objeto este ensaio tenta analisar. Quero dizer, o desafio de interpretar a singularidade de uma vida, do seu tempo vivido, sob

⁴ Ernani Corrêa Reichmann faleceu às 6h. do dia 10 de junho de 1984, um domingo, dois dias após escrever as últimas notas, aos 63 anos. Deixa a obra “*A passagem*” incompleta.

⁵ Reichmann descrevia seus escritos como uma criação entre a filosofia e a literatura, em uma “terra de ninguém”.

o prisma da história. Na tentativa de reconstruir a[s] narrativa[s] e a[s] dinâmica[s] do tempo vivido, escrito e interpretado que os *escritos completos*, o espólio e as memórias próximas revelam de Ernani Reichmann.

Este texto tenta analisar algumas categorias e os argumentos que surgem em algumas cartas escritas por Ernani a sua filha Brunilda Reichmann. As cartas que tomamos como fonte se encontram publicadas em um denso volume editado post-mortem pela própria filha (cf. REICHMANN, 2006). Desde o início da correspondência Ernani sinaliza a intenção de publicá-las para que seu leitor conheça um pouco mais de sua intimidade, mas as cartas nos revelam sempre algo a mais, como a solidão e a saudade. Sentimentos fortes que diluem até as categorias mais bem consolidadas. Nem a materialidade das ideias é suficiente para garantir que as distâncias ou as temporalidades permaneçam intactas. São momentos decisivos, como a vida longe da esposa e das filhas, que conduzem Ernani Reichmann a um estado de reflexão profundamente existencial.

Decreta a falência dos conceitos que marcam seu momento histórico e a própria imagem saturada no conceito de “homem”, o único conceito que suporta é o de “salvação”. Assim, sob estes pressupostos, nos aproximamos da análise que Michel Foucault favorece, para pensar o ato confessional que Ernani empreende frente aos seus leitores de todo o tempo. Ainda que as missivas se estendam pelos anos de 1971 e 1979, período em que sua filha e a família estão nos Estados Unidos. Tomaremos como acontecimento a viagem que a esposa e a filha mais velha – Isolda Reichmann – vão realizar em 1972 para rever Brunilda, pois testemunham as fortes convicções sobre o sujeito que as escreve. Assim, um misto de saudade (da filha mais nova) e a solidão (pela viagem da esposa e filha) obrigam Ernani a refletir.

1. É bem conhecida a doutrina kantiana do tempo e espaço, a ideia de que ambos são ou nascem da *intuição* é seu fundamento. Mas dizer que nem um e nem o outro existam parece loucura! Ainda mais porque sentimos seus efeitos imediatos, de médio e longo prazo sobre nossas vidas, sobre nosso corpo. Isso suscita muitas questões. O que dizer da distância que separa pessoas queridas...? Para pensarmos um pouco sobre isso, a reflexão de Ernani Reichmann é reveladora, pois dá testemunho em mais de uma ocasião do longo período que passou longe de sua filha Brunilda –

de agosto de 1971 a junho de 1978. Período de quase dez anos em que ela, o esposo e os filhos fixaram residência nos Estados Unidos e Ernani, Annie e Isolda permaneceram no Brasil.

Ainda que para alguns as categorias da intuição kantiana sejam infalíveis filosoficamente falando, para Ernani não. Em uma de suas cartas problematiza a categoria de distância e nos mostra o que pensa sobre o tempo e o espaço:

Uma distância desconhecida, ignorada por todo mundo. Mas não ignorada por mim. Uma distância que eu gostaria de circunscrever. Dar-lhe contornos, configurar. Descrever como um fenômeno. Junto e imensamente longe. Imensamente longe e, não obstante, junto. Essa simultaneidade de opostos deveria resultar numa síntese. Talvez eu pudesse pensar assim, se fosse hegeliano. Mas não sou. Mantenho os opostos. Com isso mantenho a tensão existente nas coisas e fenômenos que se contradizem e sempre mais para alcançar o máximo de tensão. **De uma tensão sempre resulta alguma coisa.** De uma síntese, nada resulta (REICHMANN, 2006, pp. 16).

A tensão possibilita algo significativo, enquanto a síntese não. (Guardemos essa ideia, pois ela poderia nos servir de mote para esta análise). Essa distância, contraditoriamente real para Ernani, mexe com os sentimentos, distorce-os, liberta a angústia que antes era subjugada. A um só tempo o aprisiona, mas também o liberta para estar com as lembranças. Munido deste princípio Ernani continua...

É verdade, o espaço não existe. Assim como o tempo também o espaço não existe. Tudo é simultâneo. Mesmo um acontecimento de dias, semanas, meses e anos, que parece transcorrer, não transcorre. O tempo é uma interferência do consciente, que arruma, que ordena, segundo categorias às quais o homem se submeteu. Tudo é eterno, no passado, no presente e no futuro. Eternas, as imagens. Só não é eterno o tempo. Eterno tudo o que está em nós, que viveu, vive e viverá conosco. Não há sucessão nas mais profundas raízes de nosso ser. **Temporal é apenas o consciente e, com este, a máscara** (como eu disse, não sei em que livro, “a única mortal”), ou o nosso eu de superfície (como muita gente gosta de dizer) (REICHMANN, 2006, pp. 17).

Antes de qualquer coisa, foi dada a palavra a Ernani, porque ele favorece a reflexão não tanto abstrata, mas de outra maneira, encarnada – como já vimos, foi um

longo período e uma longa distância, mas que nem tempo e nem espaço os separou, pois, a tensão motivou uma busca na eternidade de si, “tudo o que está em nós, que viveu, vive e viverá conosco”. É assim que tomamos conhecimento desta busca, que atravessa o tempo, o consciente de Ernani, enfim, a própria ordem dada pelo “eu de superfície”. Essa jornada não se encerra, pois, a tensão apenas propicia mergulhar em si, a maneira de um exercício espiritual; assim, “o sujeito é compreendido como transformável, modificável: é um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através dos exercícios, das práticas, das técnicas” (GROS, 2013, pp. 127-128). Não um exercício de superfície, mas aquele que encerra o mergulho em si mesmo, nas profundezas da eternidade de si.

Ernani, desde sua primeira carta em 26 de agosto de 1971, dá indicações que fará uma experiência – *um projeto* – por meio de correspondências e que Brunilda, como sua fiel depositária, deve saber que todas as missivas ao fim, ao cabo de tudo, deverão “...fazer parte de um livro, tendo como tema a distância em que nos encontramos”. Ernani fala de sua intenção, diz que “escrever[á] se puder, é claro. Uma folha por semana, não mais”, afinal “não sei escrever assim. Em todo caso, não deixarei de tentar. É uma experiência” (REICHMANN, 2006, pp. 15). Complemento ao já dito, a correspondência constitui “...uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. A carta torna o escritor ‘presente’ para aquele a quem ele envia” (FOUCAULT, 2004, pp. 155-156).

2. O procedimento aparenta ser simples e se constitui essencialmente do ato de escrever sobre o papel-carta, às vezes manuscrito ou ainda batido com o auxílio da máquina – mas, pode intercalar ambas as técnicas ao fim de um procedimento –, recorre ao uso de envelopes, selos e carimbos... tudo de acordo com o órgão competente, os correios – assim exige o respeito a regras e ao pagamento pelos serviços postais, variáveis de acordo com a região postal.

Por outro lado, é interessante saber que por trás de um gesto simples, existe uma história que impressiona e nos faz olhar para o passado desta prática com outros olhos. Podíamos ser guiados por muitos pensadores nesta busca (óbvio! Faço minha opção). Foucault relata que na antiguidade, entre os helenistas Sêneca, Plutarco,

Epícteto e Marco Aurélio já existia uma preocupação com “a escrita de si” (FOUCAULT, 2004, pp. 144-162), uma espécie de confissão em que a escrita estava associada a meditação.

Assim, esse exercício revela algo que nos importa bastante e impacta a análise sobre os perigos da solidão e da *saudade*, “a escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a *anachóresis*” e ela “oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro” (FOUCAULT, 2004, p. 145). Esse termo que Foucault toma de empréstimo indica uma postura, “um ausentar-se do mundo no qual alguém se encontra imerso, interromper o contato com o mundo exterior” (CASTRO, 2009, p. 30) e ao mesmo tempo associa-se a prática da confissão epistolar, como uma companheira que nos ajuda a enfrentar a saudade e nos impõe a solidão.

É interessante pensar a correspondência como uma relação entre a “escrita de si” e a “anachóresis”. A atitude de tomar o papel sob a pressão das palavras nos mostra que podemos e temos a possibilidade de escrever sobre tudo, mas são poucos que conseguem não se preocupar com o que se passa a sua volta e se colocam a escrever para alguém a distância de si. Ainda mais quando sabemos que Ernani era um homem público, sempre atolado nas atividades econômicas do Estado, administrativas e docentes com a Universidade. É quase um mérito dizer que o espaço não existe e *dobrar* o tempo para colocá-lo no bolso do paletó enquanto se deleita com as palavras batidas à máquina em seu escritório à rua Paula Gomes.

No caso de Ernani, e isso justifica nossa escolha, há com direito toda uma escrita autobiográfica que pode ser recuperada em inúmeras cartas que este enviava insistentemente aos amigos e familiares, além dos também inúmeros volumes e volumosos escritos que nasciam de sua eternidade particular. Basta olhar para os oito anos de missiva editados postumamente por Brunilda, a pedido dele, seu *Projeto de Salvação*. As cartas testemunham de maneira concreta, os exercícios ego-históricos de Reichmann e a sua solidão intencionalmente cultivada para o benefício de seu mundo interior.

Poderíamos falar dos *hupomnêmata* (uma espécie de *vade mecum*), mas não nos interessa sua matéria – apesar de fornecer uma boa indicação para pensar os muitos cadernos de Ernani. Nos interessa aqui a definição que Foucault dá a **etopoiética** (claro, em nosso caso, com vistas a correspondência entre Ernani e Brunilda), ou seja, a escrita é “operadora da transformação da verdade em *êthos*” (FOUCAULT, 2004, p. 147).

Trata-se de uma ética, escrever é um exercício de fundação de si em si mesmo, mas claro percorre o corpo, a compreensão, o comportamento do Outro. Daí haver uma transformação da verdade.

3. Isso significa que o sujeito é operador de um *ato de verdade* (*actus veritatis*), cuja manifestação (*aleurgia*) se desdobra pelo papel que representa ora como **operador** (agente ativo: é por sua causa que a verdade vem a luz), ora como **espectador** (testemunha), ora como **objeto** da aleurgia (é a seu propósito que se descobre a verdade) (FOUCAULT, 2014, p. 75).⁶

Foucault analisa o temo aleurgia em termos de manifestação da verdade, define-o como “...o conjunto de procedimentos possíveis, verbais ou não, pelos quais se revela o que é dado como verdadeiro em oposição ao falso, ao oculto, ao indizível, ao imprevisível, ao esquecimento” (FOUCAULT, 2014, p. 8). A aleurgia é a manifestação da verdade por um sujeito, assim como Ernani, ele poderia abster-se de refletir sobre si e buscar essa verdade, buscar sua experiência. Todavia, ele não se abstém de fazê-lo. O faz e o comunica por meio da correspondência pois sabe que ela é um meio de salvação, um meio etopoiético, para alcançar sua imagem.

Em outras palavras, é uma arte do timão, uma arte de pilotar-se, pois o escritor tem que navegar em uma nau, desviando os escolhos... A descoberta de si enquanto ato de verdade, apenas pode existir se há um meio que favoreça a manifestação dessa aleurgia. Ernani sempre menciona uma riqueza, uma

⁶ “Pois bem, chamarei de ato de verdade a parte que cabe a um sujeito nos procedimentos de aleurgia, parte que pode ser definida (1) pelo papel que ele representa como operador, (2) pelo papel que ele representa como espectador, (3) [pelo] papel que ele representa como objeto da aleurgia”.

profundidade, ao modo de uma verdade, que quer confessar. Confessa-a a Brunilda, mas também confessa a nós seus leitores, um ato de verdade:

Você sabe de uma coisa, Brunilda: talvez eu tenha conseguido essa transparência porque você está longe e tenho em você alguém capaz de me ouvir, de me compreender, de saber que sou humano e que tenho “uma paixão em busca de objeto” (frase do Puppi) como quando eu tinha vinte anos, como quando terei setenta, se lá eu chegar. Às vezes tenho quase a certeza que quis fazer de mim uma espécie de doação e que essa doação não foi aceita e eu fiquei sem saber o que fazer comigo, onde me situar, onde me esconder ou em que gaveta me meter. Há de haver uma gaveta que me receba. É disso que tenho medo, muito medo... (REICHMANN, 2006, pp. 44).

A passagem a seguir talvez explique um pouco melhor o que quero mostrar, porque tempo e espaço não existem; porque manter a distância cria tensão entre a existência e o significado; por que ele, Ernani, tem “uma paixão em busca de objeto”; porque

Pela missiva, nos abrimos para o olhar dos outros e alojamos o correspondente no lugar do deus interior. Ela é uma maneira de nos oferecermos a esse olhar a respeito do qual devemos nos dizer que ele está, no momento em que pensamos, mergulhando no fundo do nosso coração (*in pectus intimum introspicere*) (FOUCAULT, 2004, p. 157).

Em uma tentativa de interpretar a passagem acima, em que Foucault extrai de sua pesquisa dos pensadores helenistas; e, aproximando-o das estranhas palavras de Ernani sobre o espaço e o tempo, podemos inferir algumas coincidências, ou como prefere Foucault: enunciados que se repetem.⁷

Ernani Reichmann, enquanto piloto de si, age pela escrita, pela correspondência, transforma a verdade de si em uma ética de si, pois age por atos de verdade. Primeiro como operador desta verdade, tenta salvar a possibilidade de descobrir um mundo interior. Segundo, distingue o cotidiano dos outros para poder

⁷ Cf. capítulo IV, seção 2, o original e o regular em FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, pp. 159-167.

salvar o seu, o verdadeiro cotidiano. Terceiro, vendo na filha o modelo do outro, um Outro-Eu, investe no sentido da salvação do Outro que não é seu eu, pelo seu eu.

4. O primeiro papel que Ernani representa por meio de suas correspondências, diz respeito a **“salvação” da possibilidade de descoberta do mundo interior**. Afinal de contas, “o trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica, portanto, uma ‘introspecção’” (FOUCAULT, 2004, p. 157). Retoma o sentido de *anachóresis*, Ernani reivindica o direito de se expressar em termos de seu mundo interior

Que redução terrível esta que se faz do homem! Redução a título de quê? Sei lá. Somente porque os gregos (o grande responsável se chama Aristóteles) aceitaram o superficial da vida, o mundo exterior (mas os gregos antes de Aristóteles, sua grande maioria, pelo menos pensavam assim), tudo se limitou ao exterior. Para salvar o interior (que não podiam negar, apesar de tudo) arranjaram uma expressão a mais infeliz possível: a essência. Mas a essência não significa nada. Como se pode falar de uma essência de homem? De minha essência, por exemplo? A não ser que se refiram ao tutano que está nos meus ossos ou à merda que está em minha barriga ou, mais propriamente, em meus intestinos. Mas o pior mesmo foi a invenção posterior das categorias de tempo e de espaço. Drogas... sim, pudesse eu usar drogas para fazer a experiência, como já andaram fazendo! Drogas para descobrir um novo caminho, que não seja o caminho das categorias de tempo e de espaço. Mas eu quero encontrar esse caminho sem drogas. Meu corpo débil não suportaria. Por que é o homem obrigado a pensar para fora? Por que não para dentro? Por que não pode o homem fazer o movimento inverso do que habitualmente faz, mesmo quando pensa estar pensando em si mesmo? Por quê? Sei lá, mas devia saber. Talvez eu saiba. É porque **as categorias lhe foram impostas, porque o homem se submeteu, porque o consciente tomou conta de tudo (não terá sido o pecado original?), porque já nada existe que não tenha uma relação exterior qualquer e sempre, sempre, sempre uma medida a medir tudo o que pensamos**. Mesmo esta folha de papel em que escrevo, mesmo as letras que ponho no papel, esta máquina em cujas teclas bato, em tudo categorias, categorias... Tudo se mede, é-se obrigado a medir. Posso medir a distância entre minha cabeça e o papel, distância percorrida pelo meu pensamento que, simultaneamente, comanda meus braços em direção às teclas. Mas não quero medir. Recuso-me a medir. Mas sem medida como poderiam vocês ler o que estou escrevendo? Como comunicar sem que um espaço exista entre o que comunica e o que recebe a comunicação? Mas eterno pode existir sem uma referência qualquer? Se pudesse não seria como o nada, que não existe, que é simplesmente o nada? Sim, o espaço está aí, mas eu me recuso a aceitá-lo, a reconhecê-lo. Nele não cabe o meu mundo interior. Mas o espaço lamentavelmente existe (REICHMANN, 2006, pp. 18-19).

Por mais que o espaço exista, Ernani se nega a viver nele. Seu mundo interior não cabe no espaço, o espaço assim como o tempo são categorias que aprisionam a existência. Subjugam o sujeito. A introspecção de Ernani possibilita exemplificar a questão do “eu ético”, pois “o sujeito não é separado dele mesmo por um desconhecido fundamental, mas entre si e si mesmo, abre-se a distância de uma obra de vida a ser realizada” (GROS, 2013, p. 135).

A consciência pode até dominar tudo, as categorias não vão deixar de existir (não surgiram com Kant), vão sobreviver! E por mais que o espaço exista e também não deixe de existir, e sua expressão – o exterior – não deixe de nos lembrar que somos uma *res extensa*, Ernani em um impulso de rebeldia confessa que “...é assim que devo ser estudado mais tarde, como um mundo, um mundo como não houve outro igual...”, um mundo interior.

5. A segunda, mostra que “a carta é também uma maneira de se apresentar a seu correspondente no desenrolar da vida cotidiana. Narrar o seu dia – não absolutamente por causa da importância dos acontecimentos que teriam podido marcá-lo”, mas seu escritor dá testemunho de que “ele não é senão semelhante a todos os outros, demonstrando assim não a importância de uma atividade, mas a qualidade de um modo de ser” (FOUCAULT, 2004, p. 159). Assim a prática epistolar de Ernani assume o papel de “**salvação**” do cotidiano, de uma maneira de se ler, de se reservar para uma leitura de si:

Tenho consciência de que **sou uma exceção neste mundo**. É como exceção que quero continuar a viver. Detesto a regra geral, a lei, a ordem, a divisão do tempo, as horas certas para cada coisa, o espaço com seus ocupantes e proprietários. Mas tenho consciência também que deve ser horrível para os outros terem de viver com uma exceção ao lado, com alguém que não se submete ao cotidiano, às regras, às leis, aos costumes. **Só o humor pode me salvar, salvando uma convivência quase impossível** (REICHMANN, 2006, pp. 57-58).

Apesar de se considerar uma exceção pela sua rebeldia em relação às categorias, Ernani reconhece como é difícil conviver com alguém como ele. Não

cotidiano! A única saída que vê é o humor. Mas não é qualquer humor, trata-se de um humor silencioso, compreensivo; essa é a sua marca; “a qualidade de um modo de ser.” Daquele que escuta com atenção e presença o outro, afinal “cada um pode ser grande a seu modo, pelo caráter, pela fidelidade, pelo amor à vida, não só escrevendo, pinçando e desenvolvendo uma problemática” (REICHMANN, 2006, pp. 56).

Ernani não é muito diferente dos outros em seu cotidiano, mas seu cotidiano não é o mesmo que o dos outros, ele tem que

Separar as coisas do cotidiano das coisas do não-cotidiano, fazendo deste último o verdadeiro cotidiano. Quando tiver que atender ao cotidiano (dos outros) ficar nele. Quando sair, sair mesmo. O caso é o seguinte: muitas vezes eu fico aqui neste quarto pensando em coisas do cotidiano (dos outros), o que é uma barbaridade, pois posso ocupar meu cérebro com algo mais importante (REICHMANN, 2006, pp. 62).

Assim e somente assim, o cotidiano dos outros pode conviver com o cotidiano de uma “rebelde do impossível”, com humor! Pois todos podemos ser grandes, apenas alguns não têm a mesma dedicação que tem Ernani para a vida interior. (Daí em diante, nem acharemos tão estranho ele se considerar uma exceção, apenas seu cotidiano é outro, precisa ser salvo).

6. Por fim, o terceiro papel, indica que as correspondências que Ernani se compromete a travar com a filha querem deixar cair a *máscara*, ir além daquele habitual *eu de superfície*. Tal experiência quer como “no caso do relato epistolar de si mesmo”, tratar de “fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida” (FOUCAULT, 2004, p. 162); poderíamos mesmo conjecturar que Ernani está a nos convencer: **da “salvação” do Outro pelo meu Eu**, agora à distância, mas ainda um *Outro-Eu*.

Eu disse [...] que **terias de passar por cima de mim para poder escrever**. E que a melhor maneira de passar por cima seria ler tudo o que escrevi (trabalho para um, dois ou três meses). E que esse trabalho te levaria a firmar de uma vez em teu próprio caminho (não se trata de descoberta, pois tens o teu caminho, há muito tempo traçado). Na ocasião eu não disse, mas pensei que o conhecimento total de **minha experiência**

te levaria a uma clareira e que dessa clareira partiria teu grande ou decisivo caminho, mas terias de optar. Assim, toda a minha sabedoria até agora consistiu em não procurar influir de maneira alguma para que pudesses ser a Brunilda. Se existe algo que tenho certeza absoluta é de que és a Brunilda, mas **essa passagem por cima me parece necessária como a condição prévia a todo futuro ponto de partida**. Fiquei feliz pela coincidência. O fato de estares lendo o que escrevi indica que também compreendeste essa necessidade. Assim, podes alcançar aos vinte e poucos anos algo que só alcancei aos cinquenta porque **precisava antes fazer a minha experiência**.

[...]

Lê tudo o que escrevi como uma necessidade de teu próprio caminho, mas apenas isso, nada mais que isso (REICHMANN, 2006, pp. 36-37).

Foi uma conquista difícil, não tanto chegar até aqui, mas refletir sobre o trajeto que confessa a experiência de seu escritor, ainda que tenhamos pinçado apenas alguns poucos relatos entre os anos de 1971 e 1972. Seguindo o esquema que Gros faz de Foucault, tomando como base o curso da *Hermenêutica do sujeito* (1982) (Cf. FOUCAULT, 2010), chegamos a este último estágio do ato de verdade, a qual nos confessa Ernani. Na citação que realizei acima, Ernani assemelha-se “a figura do mestre da existência” que nos fala Gros. Esquemáticamente, um paralelo interpretativo torna os aspectos mais evidentes:

- 1) “O eu que se trata de cuidar não é um dado primeiro e esquecido, mas **uma conquista difícil**; espontaneamente nós desprezamos este cuidado ético e preferimos o egoísmo” (GROS, 2013, pp. 132). Ernani nos mostra o quanto foi difícil essa conquista quando expõe com suas palavras o seguinte: “podes alcançar aos vinte e poucos anos algo que só alcancei aos cinquenta porque **precisava antes fazer a minha experiência**”. Não é a conduta de uma pessoa que apenas quer se salvar, mas é uma conduta de *Cuidado ético*. Ernani estende o convite a todos nós, basta que estejamos dispostos a “ler tudo o que escrevi (trabalho para um, dois ou três meses)”.
- 2) “O cuidado de si não é tampouco uma atividade solitária, pois **supõe sempre o acompanhamento de um mais velho** e ele se distribui segundo atividades eminentemente sociais: conversações, troca de

cartas, ensinamento e aprendizagem em escolas, formações individuais, etc” (GROS, 2013, pp. 132). O acompanhamento também é uma figura evidente, basta recordar a passagem: “na ocasião eu não disse, mas pensei que o conhecimento total de **minha experiência te levaria a uma clareira e que dessa clareira partiria teu grande ou decisivo caminho**, mas terias de optar”. É uma imagem nítida, do sujeito que acompanha, mostra os limites, possibilita a reflexão, mas que não subtrai a possibilidade de *optar*.

- 3) “O cuidado de si **intensifica a relação com a ação política** mais do que a entrava. Foucault mostra claramente que **o cuidado de si introduz entre o sujeito e o mundo uma certa *distância*, mas esta distância é precisamente constitutiva da ação**. É esta distância que me permite não me deixar fascinar pelo objeto imediato; impede a precipitação; permite um retorno a si, a partir do qual posso consultar o catálogo dos meus deveres e agir de maneira circunstanciada, ao invés de reagir com urgência” (GROS, 2013, pp. 132). Ernani quer que sua sabedoria sirva de guia, que a ação se constitua, mas não de maneira imediata e apressada, isto é, “se existe algo que tenho certeza absoluta é de que és a Brunilda, mas essa passagem por cima me parece necessária como **a condição prévia a todo futuro ponto de partida**”.
- 4) “A distância que é aprofundada pelo cuidado de si entre eu e o mundo é constitutiva da ação, mas de uma ação regulada, circunstanciada, refletida. **Não se cuida de si para escapar do mundo, mas para agir como se deve**” (GROS, 2013, pp. 132). Logo, a ação não é uma descoberta, nasce de um cultivo, de um exercício de perícia. Por isso, Ernani sabe que seu “trabalho te levaria a firmar de uma vez em **teu próprio caminho** (não se trata de descoberta, pois tens o teu caminho, há muito tempo traçado)”. Brunilda é o resultado desse cuidado, do cuidado do pai – que não foge a seus compromissos, ao menos não aqueles que dizem respeito a “tensão da distância” entre ela e ele,

tensão do cuidado de si – arrisco dizer (pelo menos esta é uma das minhas hipóteses de trabalho).

Ernani encerra com um imperativo curioso, que nos convida a olhá-lo, alguns se deixam seduzir, outros talvez. É uma sugestão que brota justamente deste eu ético em que estes exercícios espirituais o constituem. Vale reforçá-lo para continuar: **“Lê tudo o que escrevi como uma necessidade de teu próprio caminho”**.

7. Nestes termos, Ernani edificou seu *Projeto de Salvação*. Não uma salvação de tudo o que escreveu ou da relação que se estabeleceu (conjecturo pelo que mostrei). Ernani empreende a salvação das categorias do mundo interior, em detrimento das do exterior (superficialidade do eu), uma salvação do Outro (Brunilda), uma salvação do Outro-Eu (todos nós que sentimos a necessidade de existir em nosso interior, antes de ser-exterior).

A experiência de Ernani vai além do projeto, a distância apenas avivou os sentimentos

Entusiasmado com o esforço que vocês estão fazendo aí, comecei a girar o meu tonel aqui (como Diógenes que não quis ficar sem fazer nada durante o cerco de Siracusa, para não ser acusado de apragmozine – deve ser). **Tenho arrumado meus escritos para publicação. Trabalho dia e noite porque a tarefa é imensa.** Vou deixar muitos inéditos (nem tantos), que jamais deverão ser publicados. **A Brunilda poderá permitir consultas apenas para efeito biográfico ou utilizar coisas para estudos específicos**, como minhas “relações” com K (e outros), gente com a qual convivi e que comparecem em meus apontamentos (só os que significam alguma coisa – nada de minhas atividades administrativas ou o mínimo possível). O que pertencer a cadernos e eu utilizar em meus livros será assinalado ou riscado, não sei.

Pensei inicialmente queimar tudo o que não fosse utilizado nos livros, mas não tive coragem. **É que há notas sobre nossa pequena vida aqui em casa, sonhos, frases, etc. de todos e isso pode ser importante também para vocês. Tenho descoberto coisas “belíssimas”**. Nossa vida, apesar de tudo, mostra traços marcantes de grandeza, num sentido ou noutro (REICHMANN, 2006, pp. 21-22).

É interessante notar que se somam cerca de noventa livros em que a autobiografia reichmanniana fermenta em todos os gêneros imagináveis: carta, diário, poema, soneto, monólogo, diálogo, entrevista, novela, ficção, romance, crônica,

notas, fragmentos. Sem citar e nem contabilizar todo o acervo pessoal mencionado, que inclui cadernos, correspondências, inéditos e estudos. Tudo nos fala, mostra, indica a grandiosidade de seu mundo interior.

8. Por outro lado, Ernani sofre pela solidão...

Levantei-me e fui tomar um café frio lá na cozinha, como sempre. Também como sempre, a casa está vazia. Aqui dentro só o ruído desta máquina. Lá fora, os passarinhos festejando a chuva, os trovões, sempre os trovões e ruídos de carros. E eu sozinho, mas acho que já não suporto viver só. Não nasci para viver solitário: isso eu descobri agora (REICHMANN, 2006, pp. 32).

Ernani nos confessa o outro lado da moeda, se a distância deu à sua existência a tensão necessária para refletir sobre sua busca, sobre seu mundo interior e bem como todas as categorias que lhe são necessárias à compreensão, por outro exigiu a solidão quase total em que viveu. Resta-lhe apenas o consolo nas correspondências com seu Outro e os Outros-Eus.

Suportará. Lamentará. Sua rebeldia lhe impulsiona: “**viverei solitário, custe o que custar. É uma decisão.** Meus livros viverão solitários como vivi, sem um campo definido onde se situar. **É duro não ser como os outros**, não viver como os outros, não limitar sua vida como os outros” (REICHMANN, 2006, pp. 32).

É nesta condição que seus livros ainda vivem. Solitários. Apenas recentemente, na verdade de 2014 para cá, o acervo doado à Universidade Federal do Paraná na ocasião de sua morte (1984) recebeu a devida atenção. Pelo menos exteriormente, os livros foram restaurados e ganharam uma sala de obras raras na Biblioteca de Ciências Humanas ao lado de outros nomes da Universidade, como Temístocles Linhares e Erasmo Pilotto.

Já se passaram mais de 30 anos e quase ninguém sabe quem foi Ernani Corrêa Reichmann! Mas seu amigo Carlos Galves já profetizava na década de 1970:

Recebi hoje uma carta do Galves em que diz que **meu espírito é como o rio Amazonas** e que eu estou a aumentar o território nacional “porque no teu caso não se trata de mera feitura de frases e enchimento de folhas em branco, mas **experiências autênticas**, isto é, vidas tuas, pessoais, em sólidos trechos de realidade, cujas vias de acesso só tu nos podes dar”.⁸

Não é um exercício fácil, retirar-se para viver uma experiência interior. Ernani não abandona o mundo, mas alarga ainda mais o território pela tensão da distância, em sua própria existência sente as dores de uma vida solitária... “**Se quando comecei a escrever, alguém tivesse me dito que isso era assim terrível, é possível que jamais eu tivesse escrito.** E, agora, não posso parar. Tenho de ir até o fim. Não sou covarde, embora, possa parecer o contrário...” (REICHMANN, 2006, pp. 32).

Esse é um panorama das escritas de si pouco conhecido, raramente tomamos conhecimento deste outro lado. O quanto custa ao sujeito seu *actus veritatis*, e a sua forma refletida constituir-se na *confissão* (ato de verdade refletido). Assistimos não a covardia, mas as confissões que seu protagonista evidenciou, não na vida do outro, mas em seu próprio corpo e as vezes até o seu exaurimento total.

É estranho: mas entre os momentos criadores e minha vida como obra de arte houve uma barreira, que nunca pude vencer. Foi essa barreira que me impediu de tornar-me um grande criador. **Como vencer a melancolia, o desalento e a tristeza?** Como encontrar na alegria da criação quem tinha nascido realizado e ia deixando por toda a parte um pouco de si mesmo? Era preciso que me exaurisse inteiramente, que aceitasse minha realidade, que a aceitasse inteiramente até o fim, até o exaurimento último, quando já nem um resto ainda existisse, para que pudesse vir a criar. É este agora o mesmo em que me encontro. Por isso, **estou numa clareira.** Por isso, posso escolher o caminho (**já escolhi o caminho**, embora o mais importante seja o “escolher” ou eleger, em termos kierkegaardianos) (REICHMANN, 2006, pp. 37).

Ernani exaure-se, mas concretiza sua vida enquanto obra de arte, e como tal é uma oferenda que não foi aceita, que não sabe o que fazer dela. Tem que administrar o desinteresse

⁸ *Idem.*

Temo que o desinteresse venha a me destruir, pois **sempre foi a “paixão” o meu sustento**, meu apoio, meu alicerce, minha muleta existencial. Que fazer de minha vida agora, que fazer? Escrever? Está bem, posso escrever. Mas nem escrevendo conseguirei dar um destino à minha disponibilidade, a meu “lago de amor”, na expressão de Nietzsche. Tenho ainda – sei disso – uma enorme “paixão”, mas longe meus braços não alcançam (REICHMANN, 2006, pp. 43).

Todavia, foi uma escolha, uma opção, uma decisão. Não apenas sua. Ernani reconhece que o caminho foi ele que elegeu, afinal a clareira era a sua, nem por isso, deixa de ouvir as vozes de sua família junto de si – Annie, Isolda e Brunilda. Elas são o seu combustível...

Sou um tipo estético, nunca passarei disso, de nada vale insistir. Assim, como K[ierkegaard], foi um tipo ético e N[ietzsche] um tipo religioso, ao contrário do que todo mundo pensa ou acha que foram. Por isso, fiz a minha vida uma obra de arte, com todo o nosso sofrimento reunido, o de vocês como o meu. Não fossem vocês minha vida não teria alcançado o sentido que alcançou: o sofrimento somado. Por isso tudo **há uma alegria do sofrimento nos meus livros** (o Galvez viu muito bem e foi o único a ver): a alegria do sofrimento que sofreu para construir uma vida que não é apenas uma vida, mas algumas vidas numa obra de arte (como não conheço outra igual, não por mim, mas por vocês) (REICHMANN, 2006, pp. 43).

9. Esperamos que essas palavras façam eco em nossas vidas. O quão distante caminhamos das categorias desencarnadas de tempo e espaço, para mergulhar na tensão que a distância possibilita. Tensão entre a máscara e o rosto. Nesse entremeio, encontramos a alegria do sofrimento que se confessa. Ora como escrita de si. Ora como anachóresis. Ora como etopoiética.

Ernani enquanto este sujeito de uma ética antiga, funda sua experiência a partir de dois mestres da existência. De um lado, o mergulho ético em si mesmo que Kierkegaard opera. Do outro lado, o voo religioso sobre os outros que Nietzsche realiza. Não houve espaço para dialogar com essas experiências, mas também não era nossa intenção discutir os encontros de Reichmann. E esses pouco nos ajudam a compreender porque salvar o cuidado de si.

Recapitulando o trajeto que realizamos, vamos encontrar temas-sínteses para as seções que nos conduziram até aqui. Sempre com a perspectiva de que a síntese não é importante, o importante é a contradição e, em suma, “as tensões existenciais”. Logo, apesar de sumariar o caminho percorrido elas nos possibilitam retomar e problematizar o lido pelo não-lido, e exercitar a alteridade, ou seja:

1. “De uma tensão sempre resulta alguma coisa”.
2. A escrita é “operadora da transformação da verdade em *êthos*”.
3. “Pela missiva, nos abrimos para o olhar dos outros e alojamos o correspondente no lugar do deus interior”.
4. A “salvação” é a possibilidade de descoberta do mundo interior.
5. A “**salvação**” do cotidiano, de uma maneira de se ler, de se reservar para uma leitura de si é a garantia de *um programa de vida*.
6. A “salvação” do Outro (o leitor) pode se dar pelo meu-Eu (Reichmann), agora à distância (a morte), mas ainda um *Outro-Eu* (Ipse-Alteridade).
7. A experiência de Ernani vai além do *projeto*, a distância apenas avivou os sentimentos: “há notas sobre nossa pequena vida aqui em casa, sonhos, frases, etc. de todos e isso pode ser importante também para vocês. Tenho descoberto coisas ‘belíssimas”.
8. “A alegria do sofrimento que sofreu para construir uma vida que não é apenas uma vida, mas algumas vidas numa obra de arte”.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si (1983)**. In. FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

GROS, Frédéric. **O cuidado de si em Michel Foucault**. In. RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). Figuras de Foucault. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KIERKEGAARD, Soeren. **Kierkegaard - Textos Seleccionados por Ernani Reichmann**. Curitiba: Editora Universidade Federal do Paraná, 1978.

REICHMANN, Ernani. **Cartas de 1971**. In. REICHMANN, Ernani. Projeto de Salvação. Curitiba: Artes e Letras, 2006. (Publicação Póstuma).

REICHMANN, Ernani. **Cartas de 1972**. In. REICHMANN, Ernani. Projeto de Salvação. Curitiba: Artes e Letras, 2006. (Publicação Póstuma).

REICHMANN, Ernani. **Projeto de Salvação**. Curitiba: Artes e Letras, 2006. (Publicação Póstuma).